LURIXS:

LUCIANO FIGUEIREDO
OBRAS RECENTES

LURIXS:

LUCIANO FIGUEIREDO
OBRAS RECENTES

TEXTO **PAULO VENANCIO FILHO**

ABERTURA
QUINTA-FEIRA, 14 DE JULHO DE 2022
18H ÀS 21H

VISITAÇÃO
15 JUL — 19 AGO 2022
SEG A SEX 11 - 19H

CONSTRUIR RECONSTRUINDO

Esses últimos trabalhos de Luciano Figueiredo reafirmam seu inconformismo com o confinamento da tela; o limite que a separa do espaço circundante. As dobras e recortes, práticas de longa data, nada mais faziam que demonstrar essa pretensão; romper a estabilidade geométrica pelos próprios meios da geometria. Desestabilizar o estável e encontrar outra estabilidade, ainda inédita, como um "ponto" geométrico futuro e imprevisto. Poderia se imaginar o quadrado como o núcleo inicial e gerador de todos os desdobramentos e variações. Dobrar desdobrando, rompendo recompondo, construir reconstruindo; o grau de insistência no construtivismo coincide com a ânsia de renová-lo - uma inesgotável e irresistível pressão. O que parecia exaurido revela cada vez mais surpresas insuspeitas, como ocorre agora. Ou seja, nada mais do que ativar as potencialidades geométricas ainda irreveladas.

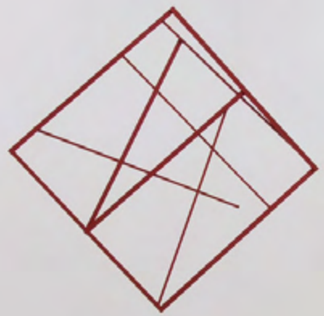
Nesses trabalhos, vemos linhas cruzando o plano da tela em várias direções, porém não são apenas linhas; são finas varetas de madeira revestidas do tecido da tela. Desse modo, pertencem e não pertencem à tela. Superpostas à tela, são linhas que ativam a superfície e parecem vir de fora; atravessar e sair do quadro. Esse vocábulo gráfico - uma novidade recente - faz pensar nos cabos de energia que cruzam o céu nas cidades. Tais ligeiras e delicadas presenças tridimensionais insinuam direções e movimentos rápidos, velozes, marcam uma presença na tela ao mesmo tempo momentânea e permanente. Tais delicados condutores de uma energia plástica poderiam seguir para outro lugar; para outra tela, sem dúvida, e ali permanecer ou ir além. Esse parece ser o móbile novo dessa pintura/objeto; a linha, ou linhas, desconcertantes; impondo seu desígnio visual – do qual não há como escapar –; só resta ir para onde elas vão, segui-las com o olhar. Vejo também, quando elas se tornam essas delicadas varetas, a tentativa de fixá-las, de inseri-las no espaço material da tela e trazê-las pelo artifício da colagem para um espaço que faz a pintura adquirir uma materialidade objetal. Surge no espaço um momento de calculada tensão, contido e liberto em sua potencial expansão. Tais linhas não estabelecem limites, não obedecem a um esquema prévio, e afirmam sua própria independência. Cortam, ou melhor, riscam, atravessam, os planos de cor. Dão às telas um ritmo visual veloz, diríamos elétrico. Os planos de cor delimitam a estabilidade de certas áreas, impondo enfaticamente a inescapável determinação cromática, mas o que se manifesta é uma calculada disputa visual entre linha e cor. Assim, novamente encontramos a vivacidade do espaço, a renovada revelação do substrato pulsante do construtivo, sua inesperada e surpreendente agitação, surpreendente porque ainda pressiona há mais de um século. É o novo que se apresenta; novo porque podemos medi-lo com o passado. Aí a surpresa; especialmente porque é algo que é parte, e parte decisiva da nossa história artística.

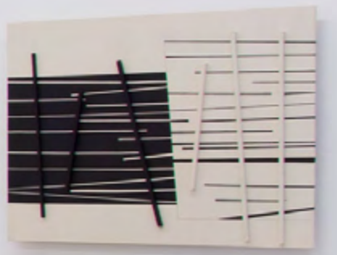
Ainda - outra surpresa – encontramos espaços vazados na tela. E estes apresentam o que a tela de fato é: transparências que denunciam o objeto mesmo, aquilo que ele é, sem disfarces, expondo o vazio, tornando-o ativo. O olhar ultrapassa a tela, ali o espaço vazio da tela, o negativo da linha, buraco através do qual se vê a parede, desnuda a estrutura do quadro/objeto. Não há como esquecer a colagem; mas de elementos do mesmo léxico, afins e complementares, e as infinitas combinações que cada uma possui e contém. É como um vaivém óptico interminável, o mesmo renovado, e tendo a audácia de isto fazer. Cortes e recortes se alternam; o dobrar e o desdobrar imprevisíveis surpreendem a cada momento num movimento cinemático. A tela se mostra na sua plasticidade literal, flexível, dobrável, manipulável; é a matéria primeira, mais, muito mais, do que o mero suporte da pintura. A materialidade do tecido é libertada da rígida planaridade e se expande, há muito ultrapassou a estrita imposição ortogonal do quadro, tal como se o quadro se reconstruísse de dentro dele.

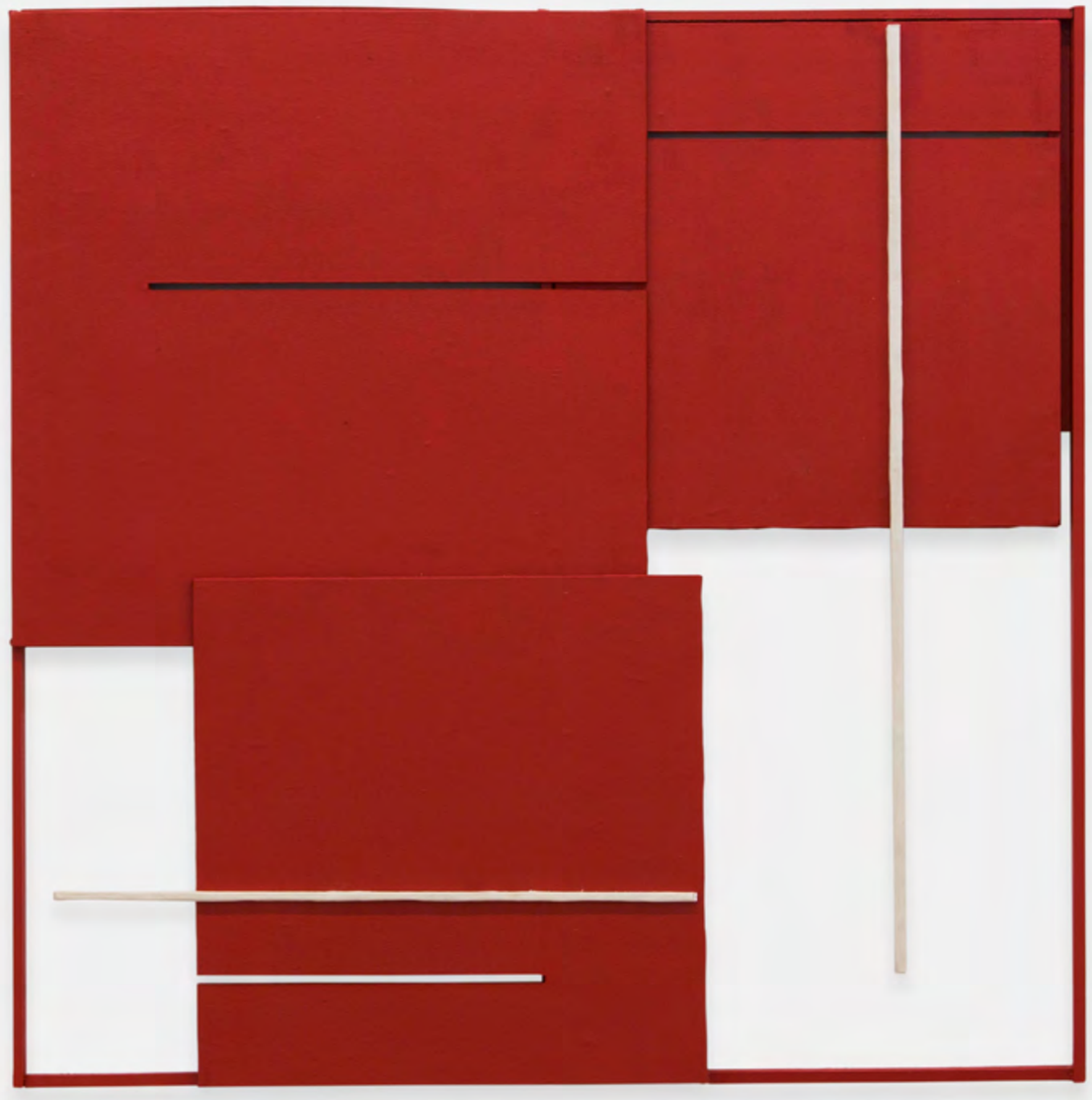
É notória a vinculação da obra de Luciano com o jornal e o cinema. Vejo até e principalmente a interseção entre jornal e cinema. Duas expressões visuais que se cruzam aqui, criando esse novo mutante, direto, ágil, imprevisível, que quer se libertar do aprisionamento do enquadramento. Disse atrás que são quadros que contêm uma eletricidade; não seria esta a mesma que se originou no construtivismo russo, no cinema de Eisenstein? Cinema, jornal e colagem não poderiam deixar de estar presentes nesta exposição. Vemos isso claramente em três colagens. Em duas delas, a presença de atrizes emblemáticas do cinema: Anna Karina e Monica Vitti – aí inclusos, indiretamente, Godard e Antonioni. E numa pequeníssima imagem, efêmera e casual – é preciso prestar atenção -, temos, poderíamos dizer, uma perfeita tradução da Kinomania de Luciano: na foto, recorte de um jornal, Antonioni e Monica Vitti estão na calçada, cada um lendo um jornal.

O vazado, talvez a maior novidade, é uma surpresa; mas uma surpresa que já se veria antecipada. A não-tela se revela também como um espaço da obra; o vazio é obra. É o reverso das linhas, contido dentro de limites, é um vazio recolhido à obra. A dobra leva ao recorte, e a tela, a sua materialidade, é um plano flexível, dobrável, recortável; problematiza o que parecia estável, estabilizado, cristalizado. Daí recortes, telas vazadas, manobras e desvios da ortodoxia, verdadeira desmontagem da tela. Tais combinações, passagens, interrupções, deslocamentos, revelam a inquietude do plano, sua predisposição em se mostrar como tal; disponível às manobras que a obra exige a todo momento, em cada trabalho: construir reconstruindo.

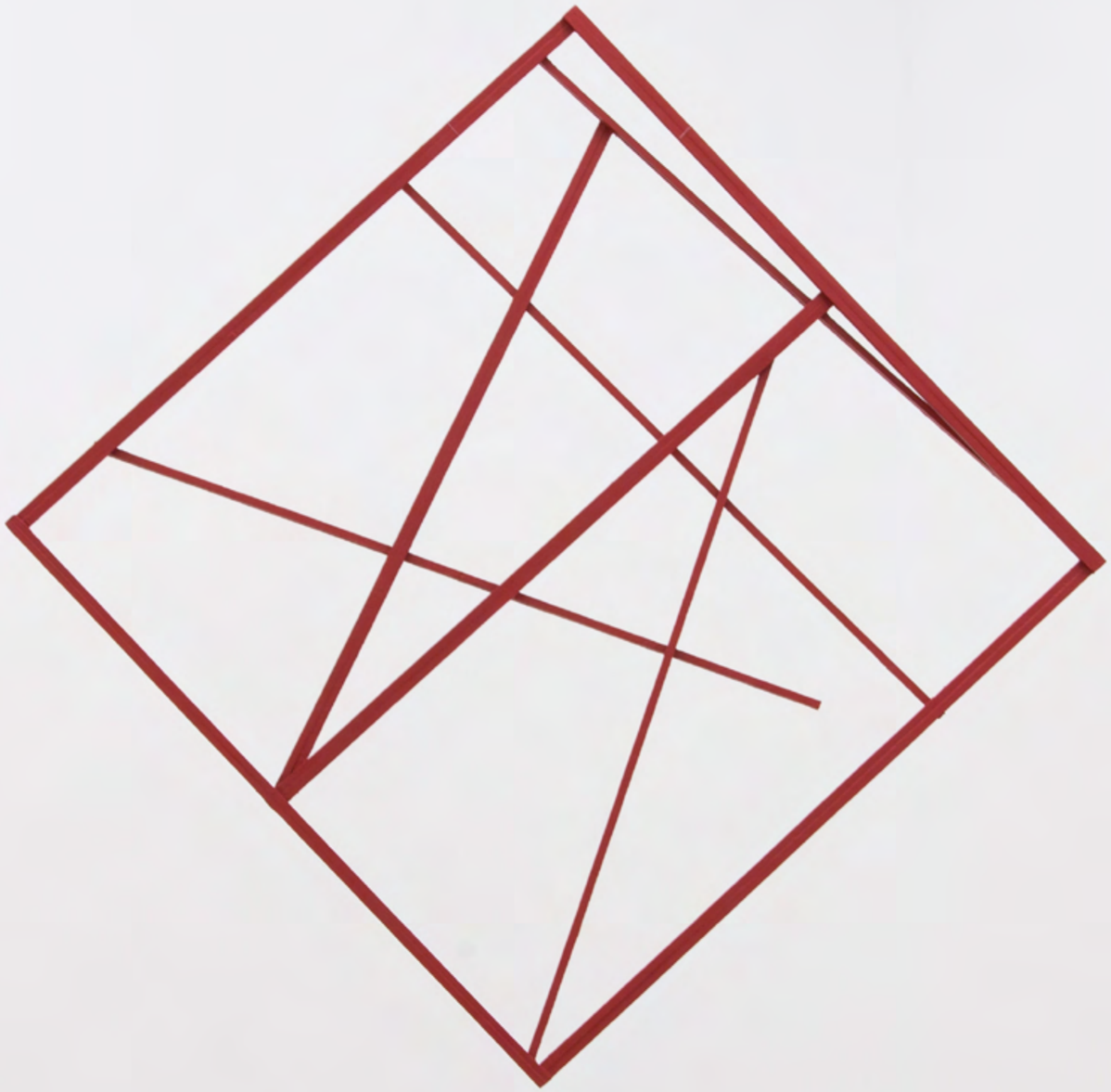
Paulo Venancio Filho



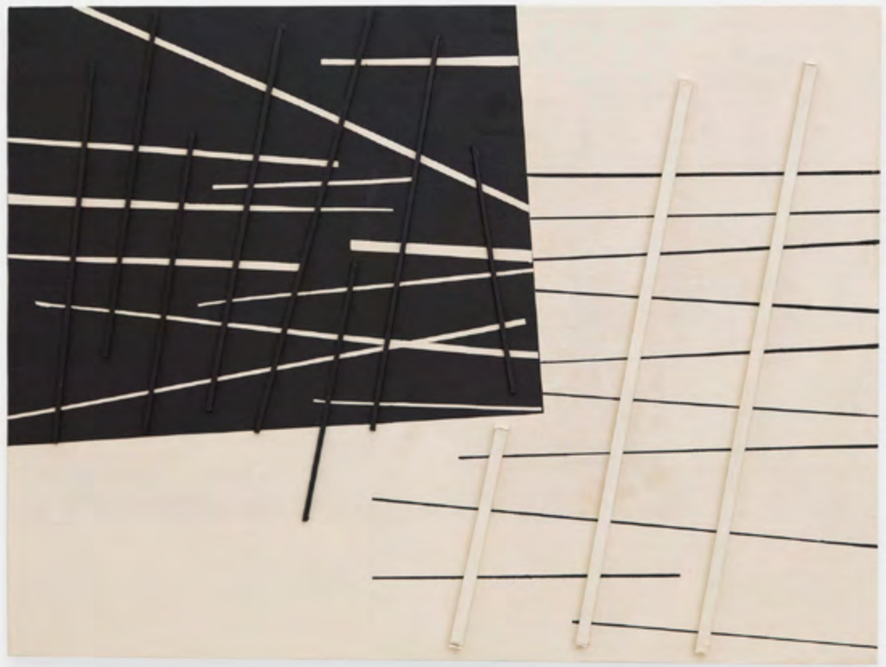




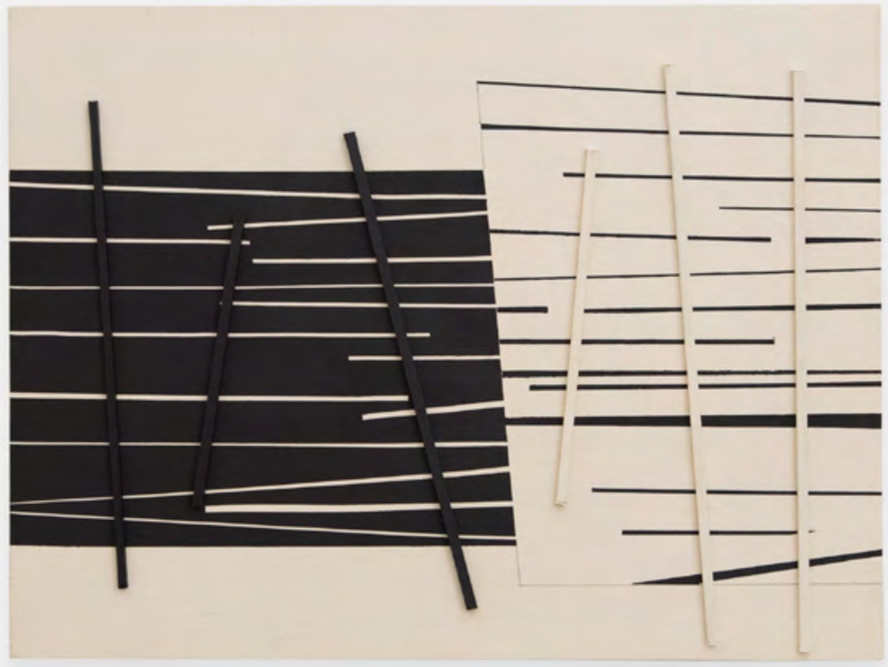
Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
85 x 85 cm



Inside Outside, 2022
Acrílica sobre madeira
120 x 120 cm



Outside Inside, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

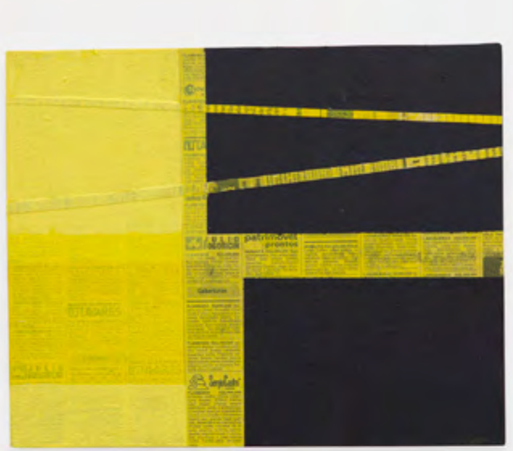


Outside Inside, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

Inside Outside, 2021
Acrílica sobre tela
85 x 85 cm

Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
32,5 x 32,5 cm

Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
32,5 x 32,5 cm



Relevo, 2021
Acrílica sobre tela
38 x 38 cm

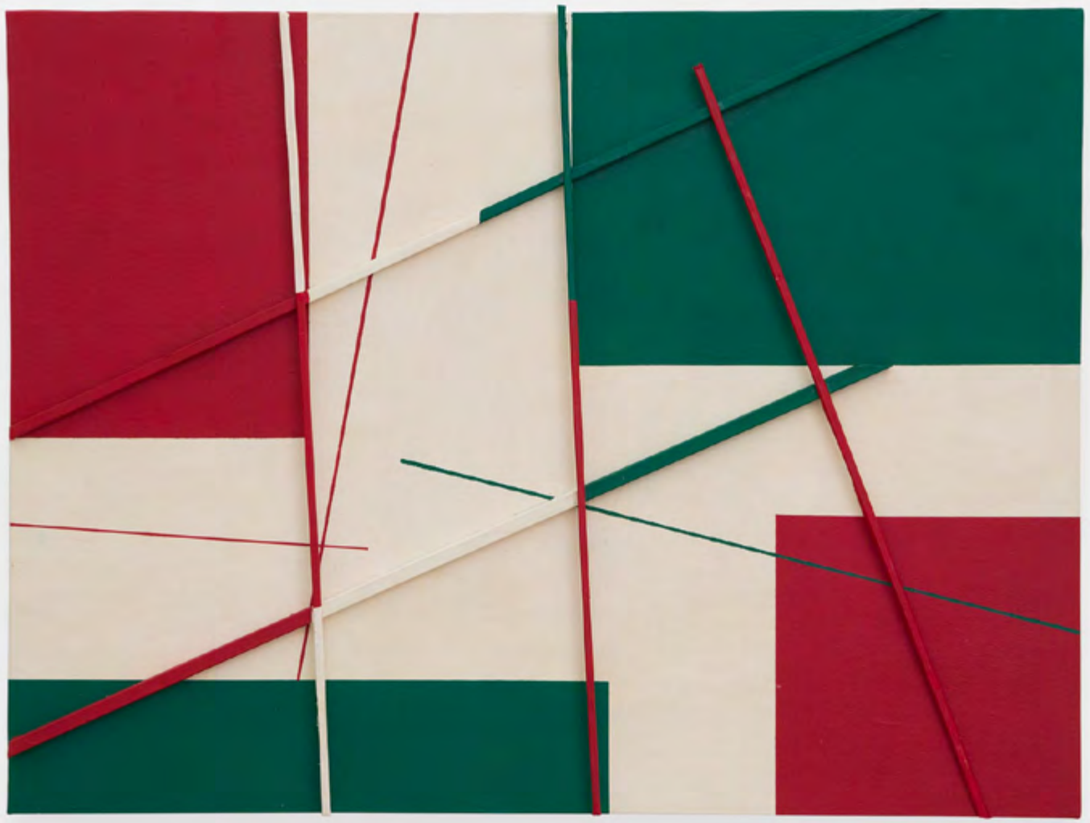
Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
22 x 22 cm

Sem título, 2021
Acrílica e colagem de jornal sobre tela
20 x 25 cm

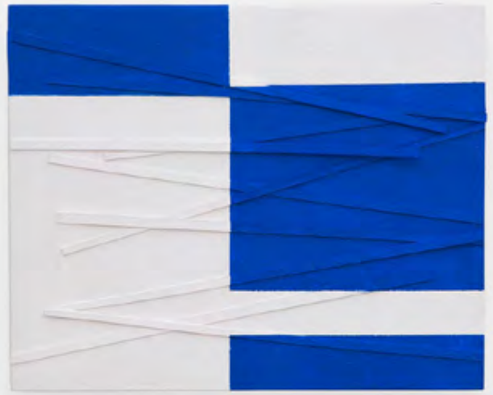
Sem título, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

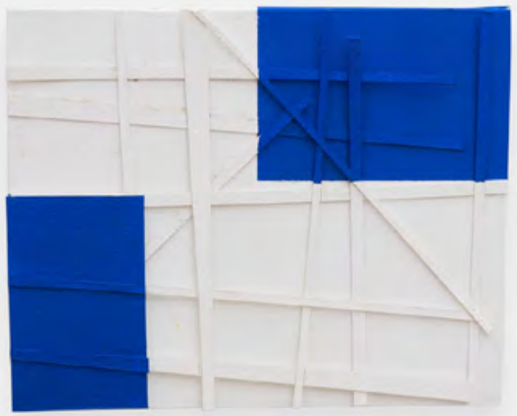
Sem título, 2020
Acrílica sobre tela
35 x 35 cm

Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
45 x 45 cm



Outside Inside, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm



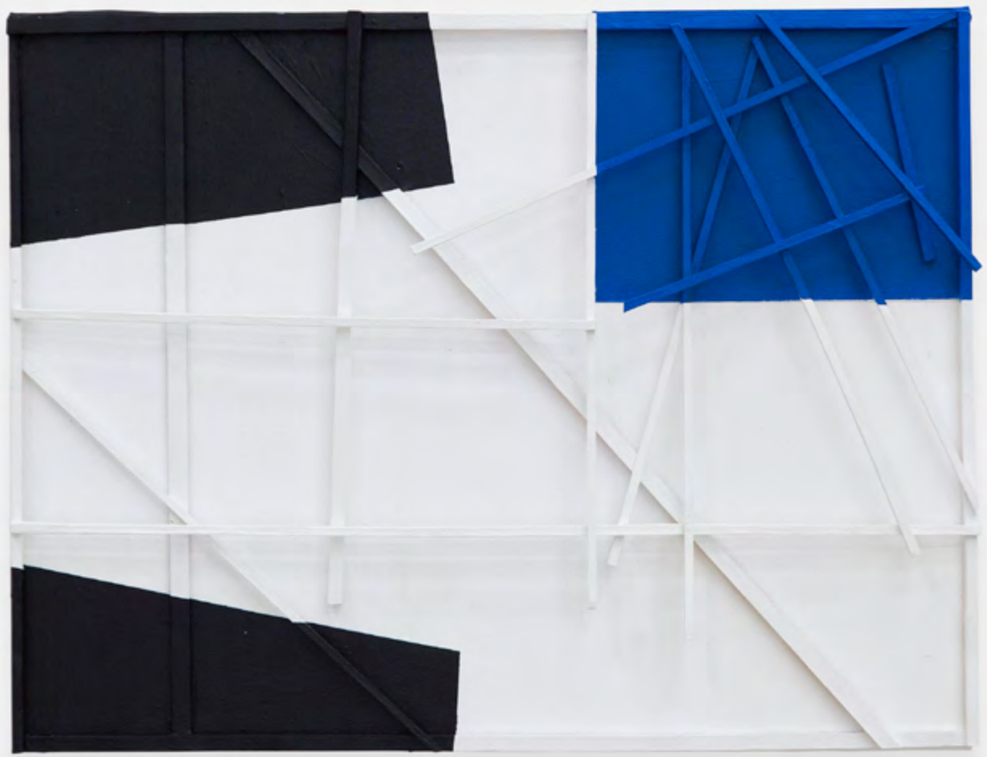


Sem título, 2020
Acrílica sobre tela
21 x 25 cm

Sem título, 2020
Acrílica sobre tela
20 x 25 cm

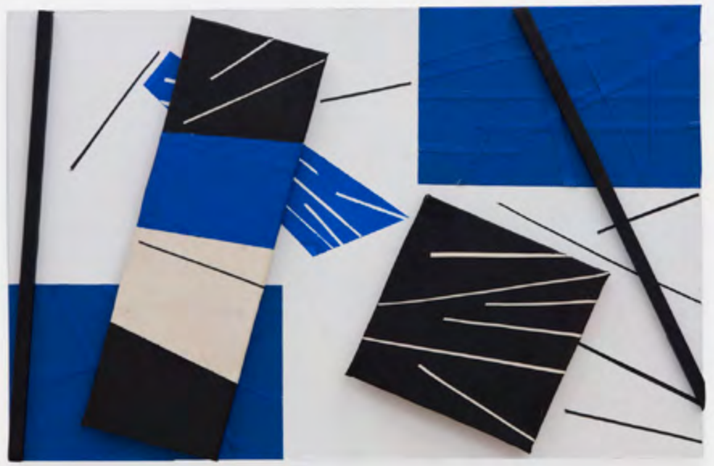
Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
20 x 28 cm

Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
50 x 65 cm

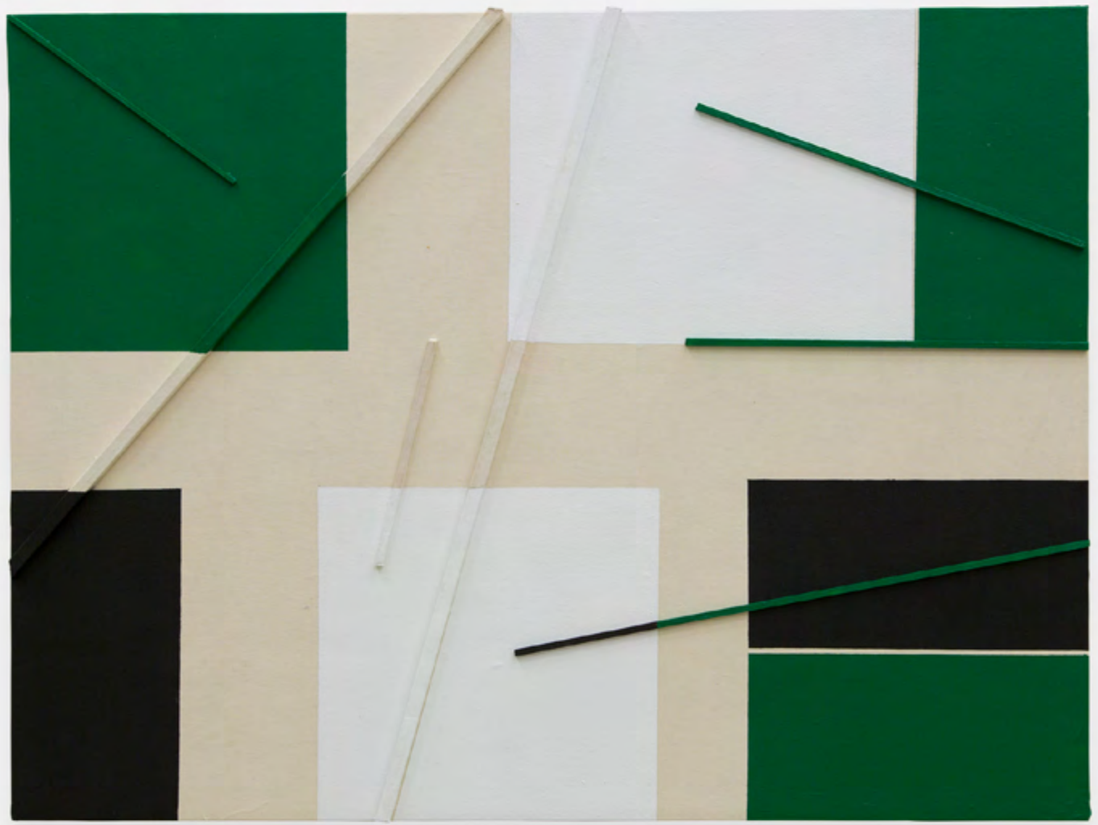


Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
50 x 65 cm

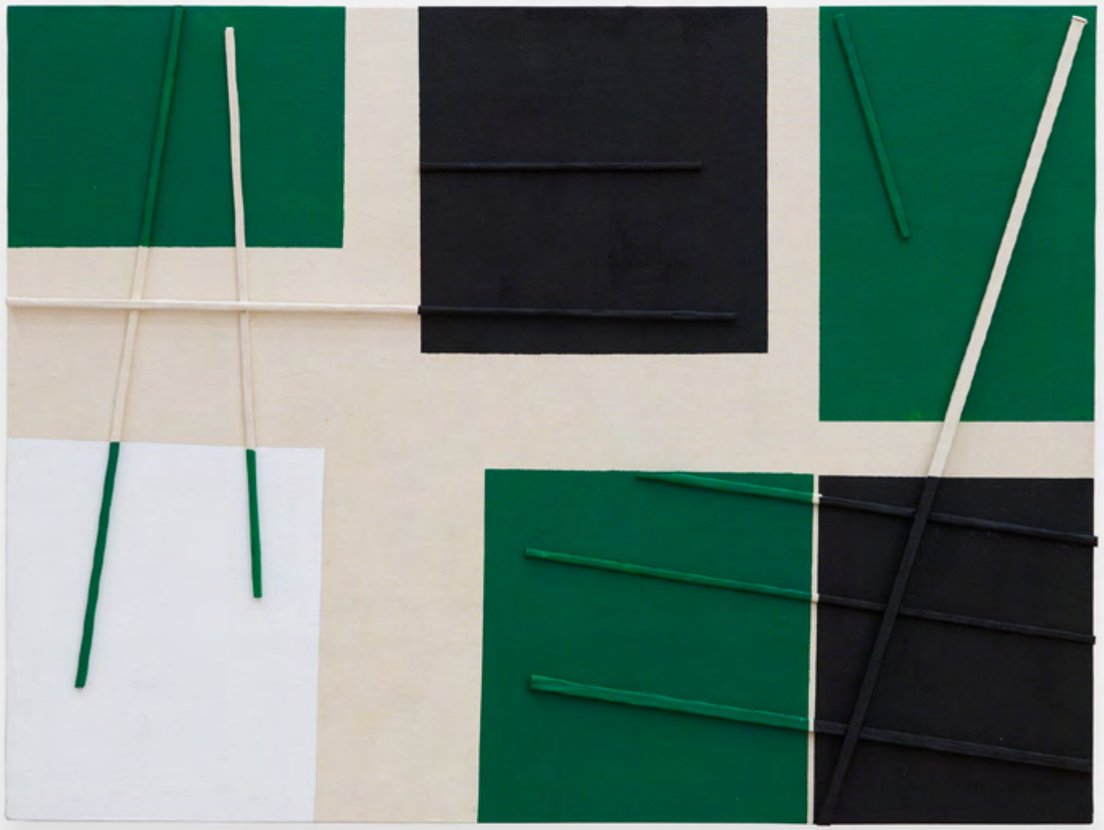
Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
40 x 65 cm



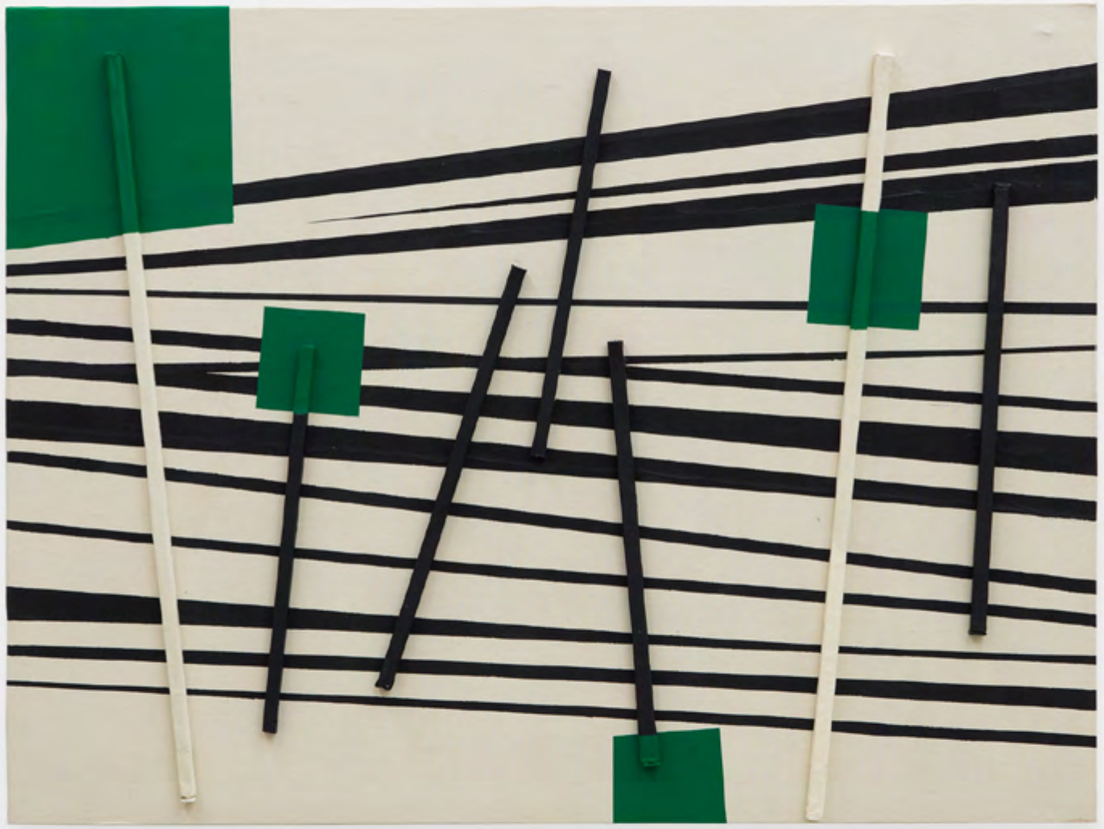
Sem título, 2021
Acrílica sobre tela
33 X 50 cm



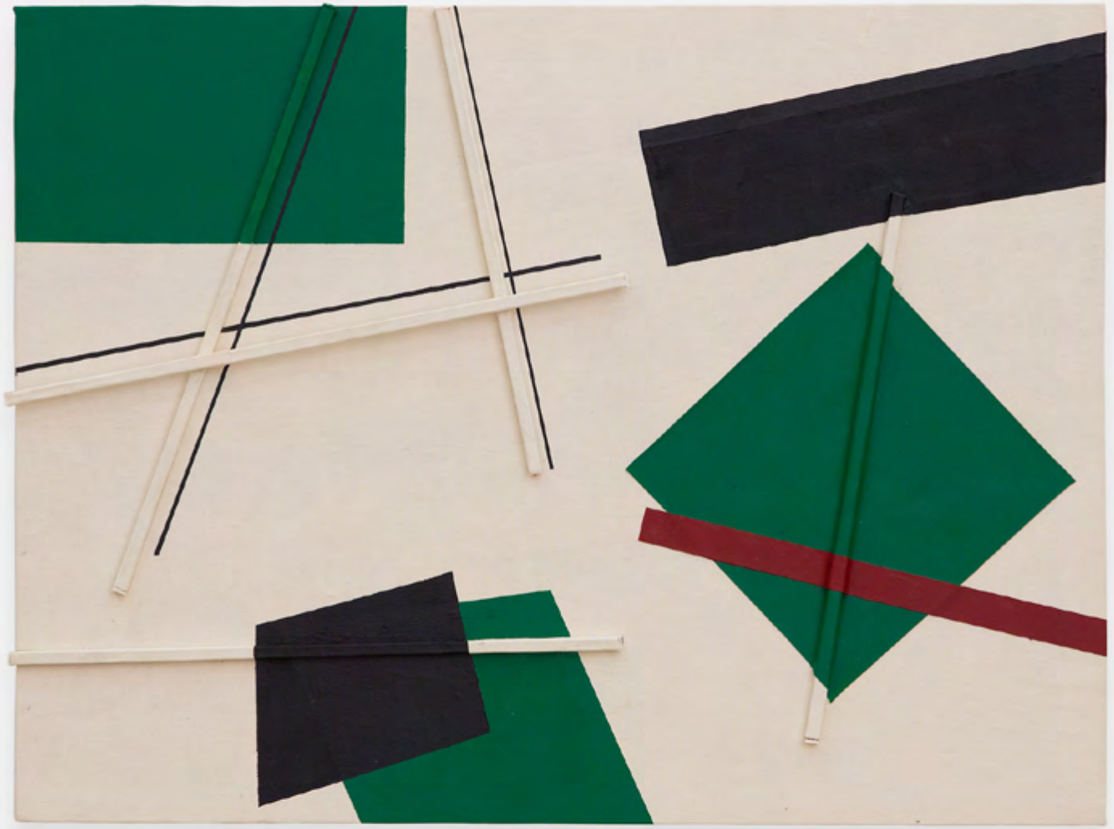
Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm



Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

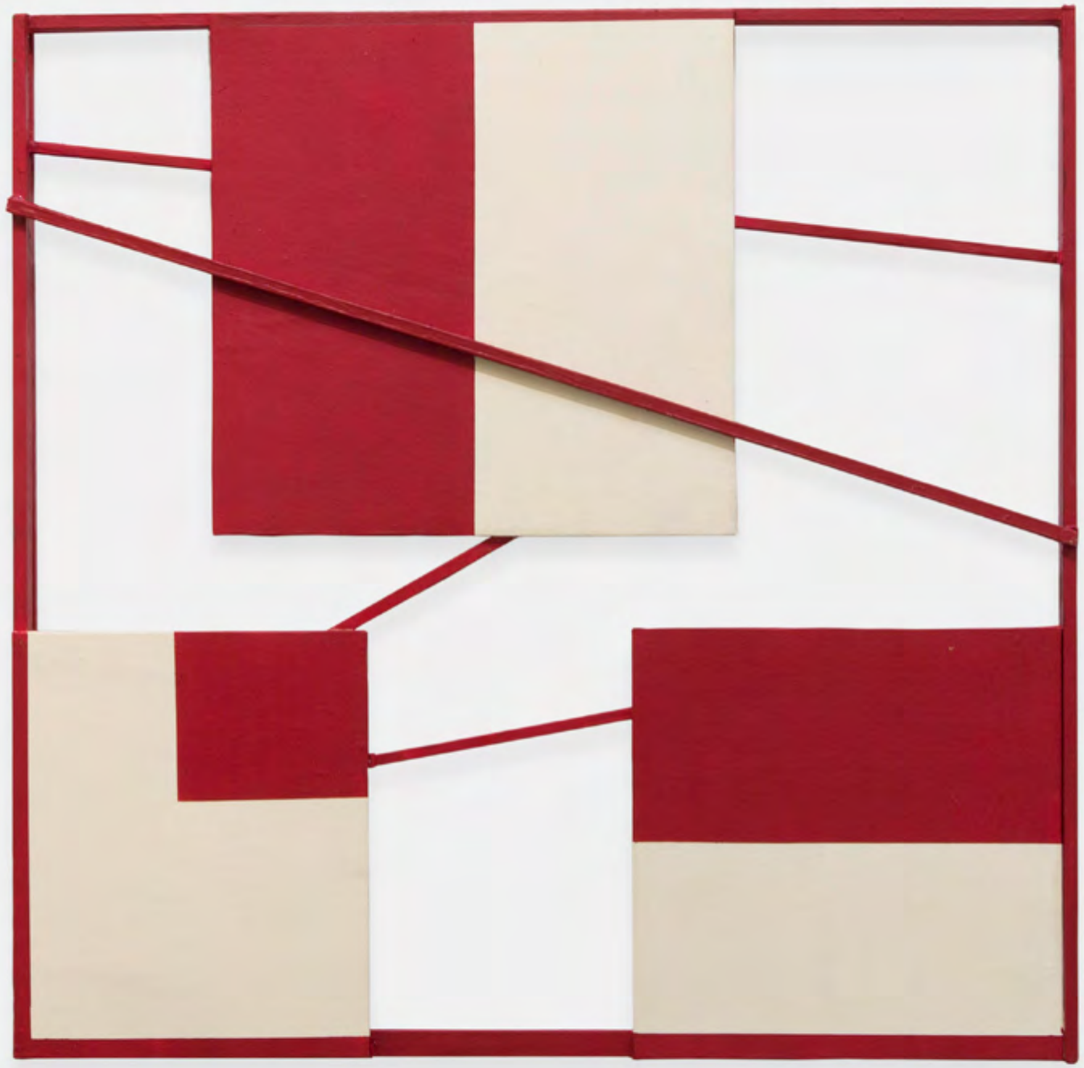


Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

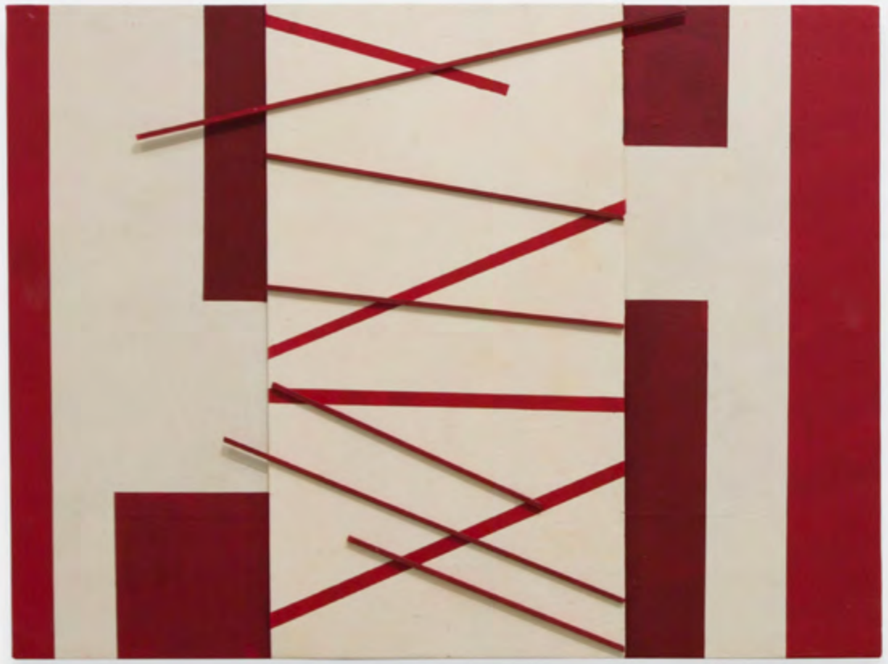


Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

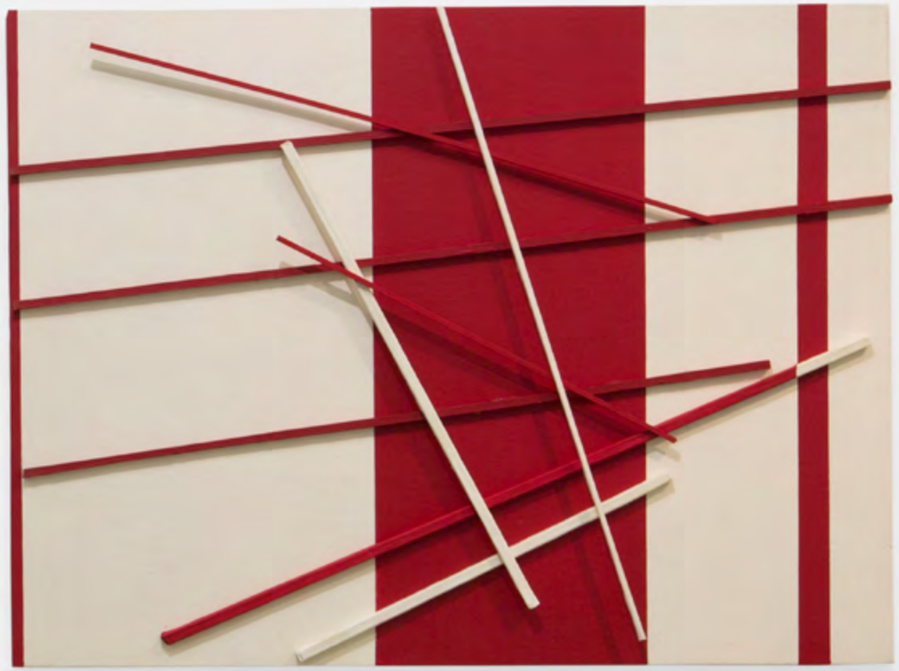
Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
64 x 67 cm



Inside Outside, 2022
Acrílica sobre tela
80 x 81 cm



Sem título, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm



Inside Out, 2022
Acrílica sobre tela
60 x 80 cm

Sem título, 2020
Acrílica sobre madeira
25 x 26 cm

Sem título, 2020
Acrílica sobre tela e madeira
25 x 27 cm

KINOMANIA

Homenagem à Monica Vitti
série Kinomania, 2020
Acrílica, jornal e vinil adesivo sobre tela
60 x 80 cm

Homenagem à Anna Karina
série Kinomania, 2020
Acrílica, jornal e vinil adesivo sobre tela
41 x 70 cm

Baudelaire, 2022
Acrílica, jornal e vinil adesivo sobre tela
60 x 80 cm

LUCIANO FIGUEIREDO

Nasceu em Fortaleza, em 1948.

Artista filiado ao construtivismo e sua tradição gráfica, Luciano Figueiredo inicia sua trajetória na pintura na década de 1960. À época, recém-chegado a Salvador (Bahia), frequenta o curso livre de pintura do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, tendo como professor o pintor e músico alemão Adam Firnekaes. Conhece, então, o trabalho de artistas como Paul Klee e Kandinsky, movimentos históricos como o Cubismo e a escola Bauhaus. Em 1969, muda-se para o Rio de Janeiro, onde passa a conviver com músicos, cineastas e poetas. Trabalha na criação de cenários para musicais e peças de teatro, além de projetos gráficos para discos, livros e revistas, entre elas, a histórica Navilouca. É assim que se firma como um dos expoentes da chamada Contracultura.

Entre 1972 e 1978, reside em Londres, onde estuda História da Arte e Literatura Inglesa. Nesse período, inicia sua pesquisa com páginas impressas de jornal, realizando experimentações com poemas visuais feitos com recortes de palavras, manchas de cor e tablóides ingleses. Tais estudos o levam a criar, a partir de 1975, objetos com colagens e relevos monocromáticos, que apresenta em exposições a partir de 1984. Em trabalhos posteriores, apresenta relevos em telas sobre madeira ou emprega folhas de jornal e quadrados de voile, colados uns aos outros, de forma intercalada, sobre os quais realiza cortes e dobras, criando ritmos visuais.

Nos anos 2000 e 2010, cria a série Relevos, a partir da experiência tátil de folhear, dobrar e fechar as páginas de jornal – e ver surgirem, assim, volumes planares. São dessa década também as pinturas planares, Dioramas e Muxarabiês, com camadas de jornal superpostas e cobertas de cores transparentes ou saturadas.

Entre suas principais individuais, estão "Do Jornal à Pintura", realizada no Musée Museum Départemental de Gap (França) em 2005 e em 2006, no Paço Imperial, e, em 2013, "Fabri Fabulosi" e "Imagem/Legenda: um cine romance", no Oi Futuro Ipanema, ambas no Rio de Janeiro.

Luciano Figueiredo foi curador de diversas mostras de Hélio Oiticica e Lygia Clark no Brasil e no exterior. Também atuou na Funarte e na coordenação do projeto Hélio Oiticica. Entre 2003 e 2007, dirigiu o Centro de Arte Hélio Oiticica, no Rio.

Luciano Figueiredo no ateliê em Blois, França. 2019. Foto © François Thiolat

LURIXS: ARTE CONTEMPORÂNEA
RUA DIAS FERREIRA 214, LEBLON
22431-050 RIO DE JANEIRO RJ BRASIL
T +55 (21) 2541 4935
WWW.LURIXS.COM @LURIXS
INFO@LURIXS COM